

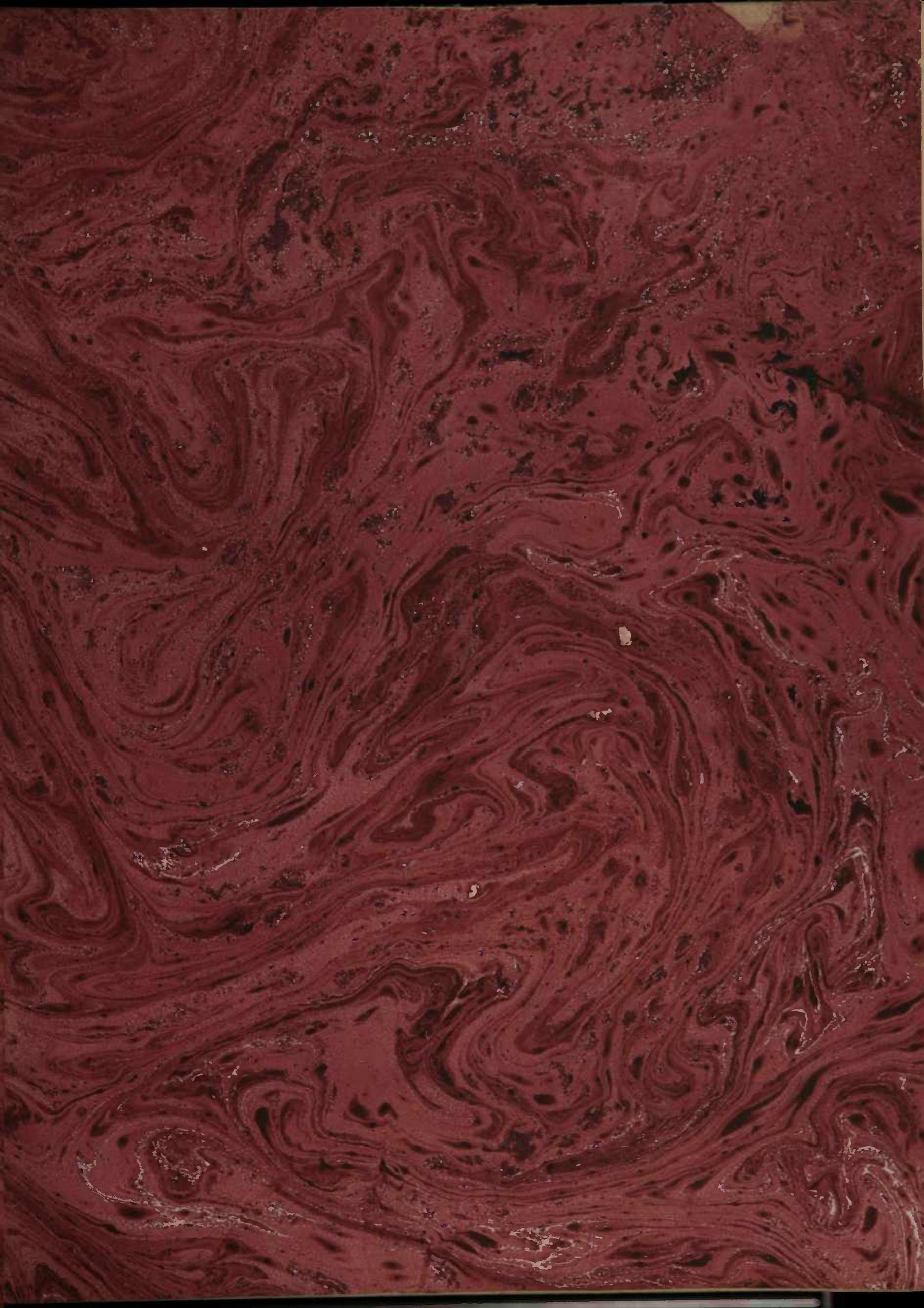


le ne fay rien
sans

Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin



~~Martins Fontes~~

oferecido pelo
VMTS

ao Hugo
1920

Rozas
 Cya. S. G. B.
 JANHEIRO DE 1895

ALBUM

Director, **ARTHUR AZEVEDO.**

Agente geral, **PAULA NEY.**

Publica-se todas as semanas em dias indeterminados. O preço da assignatura é de 24\$000 por série de 52 numeros, e de 12\$000 por série de 26 numeros. Numero avulso 500 réis.

DIRECÇÃO : RUA DOS OURIVES N. 7

SUMMARIO

CAVACO PRELIMINAR	A. A.
CARLOS COMES	A. C. de Menezes.
CHRONICA FLUMINENSIS	A.
CAMPO SANTO	Olavo Bilac.
O JERONIMO	Pedro Rabello.
THEATROS	X. Y. Z.
SPORT	Belzebut.

O segundo numero do ALBUM trará o retrato e o esboço biographico de

MACHADO DE ASSIS

CAVACO PRELIMINAR

O *Album* publicará chronicas theatraes e do *sport*, romances, contos, phantasias, versos, etc., além de ligeiros artigos commentando os factos mais salientes do dia, com exclusão dos politicos, a que será completamente alheio. Entre os seus collaboradores figuram os primeiros nomes da nossa litteratura.

Cada numero trará, fóra do texto, um retrato de pessoa notavel, constituindo assim o *Album*, no fim de algum tempo, uma interessante galeria, na qual figurarão, em curiosa promiscuidade, todas as classes sociaes.

Parece-nos que na epoca de renovação que atravessamos, neste surgir constante de novas phisionomias, nesta volatisação social de velhas figuras do segundo imperio, uma folha d'este genero terá mais tarde o seu valor documentario

A photographia matou a gravura desde que se conseguiu imprimil-a em grandes tiragens, dando-lhe ao mesmo tempo uma inalterabilidade indiscutivel. A phototypia é, como se vê, o triumphante processo dos nossos retratos, que não hesitamos em recomendar como verdadeiros modelos do genero.

Essa parte, muito importante, do *Album*, confiá-mol-a ás acreditadas officinas da Companhia Photographica Brasileira, e especialmente aos bons cuidados de nosso amigo João Gutierrez, o sympathico e habilitadissimo co-proprietario e gerente d'aquelle grande estabelecimento artistico e industrial.

Incumbiram-se do trabalho typographico os Srs. H. Lombaerts & C., cujas officinas rivalisam com as melhores do mundo.

Paula Ney, o popularissimo Paula Ney, o homem que mais nos convinha, e nos fóra mister inventar, se não existisse, accedendo bondosamente ao convite que lhe dirigimos, associou-se ao nosso esforço como agente geral do *Album*. Ficam a seu cargo os negocios externos da folha, que tudo espera da sua actividade, do seu talento, e d'esse estranho e feliz privilegio, que elle tem, de attrahir a sympathia e a amizade de quantos encontra.

Eis ali o que nos cabia dizer para apresentação do *Album*. Promettemos pouco para não faltar. Accrescentaremos apenas que a empreza d'este periodico dispõe de recursos que lhe asseguram, pelo menos, um anno de existencia, independentemente do auxilio publico.

A. A.

CARLOS GOMES

Desejando inaugurar o *Album* com o retrato do mais illustre entre os artistas brasileiros, pareceu-nos que o Sr. Dr. A. F. Cardoso de Menezes Filho, musico insigne, escriptor apreciado e amigo particular de Carlos Gomes, poderia, melhor que ninguem, incumbir-se de escrever uma ligeira noticia biographica do Mestre.

Pedimos-lhe, portanto, que se encarregasse d'esse trabalho, e o nosso velho amigo e collega, correspondendo ao pedido com uma solicitude e uma amabilidade que em extremo nos penhoraram, enviou-nos as seguintes linhas :

Nasceu em Campinas, S. Paulo, aos 11 de Julho de 1839, o nosso glorioso *maestro*.

Foi iniciado nos segredos da arte musical por seu velho pae, brasileiro da gemma, mestre dos da velha tempera, e que, casado quatro vezes successivamente e tendo desses quatro matrimonios a bagatela de trinta e um filhos, a todos estes pacientemente transmittio o muito que sabia nessa arte da sua particular predilecção.

Era mestre de capella. Conhecia os classicos, e todo se deliciava com os ler e interpretar, tornando-os familiares aos seus innumerados discipulos.

Nascido n'um torrão de privilegiada natureza, onde as opulencias da vegetação se casavam aos esplendores de um céu eternamente azul e illuminado; onde a vista, — ora se perdia no illimitado de interminas campinas aljofradas de orvalho, tremeluzindo aos raios do sol tropical, — ora em vão se esforçava por penetrar no dédalo escuro e murmurejante da emaranhada floresta virgem, em cujo seio a uberdade do solo dependurava pelos troncos seculares festivas lianas, cheirosas trepadeiras e perfumadas parasytas, que embalsamavam o ambiente pejado de mysteriosas harmonias; — nascido em meio a todas essas encantadoras magnificencias — Antonio Carlos Gomes não podia deixar de sentir a sua grande alma de artista genial expandida, bebendo a largos haustos a inspiração, saturando-se, enfim, dessa fecunda e arrebatadora poesia, que lhe povoou a mente e o coração de sonhos e ambições de gloria.

Forte já com as licções recebidas de seu velho pae, animado pelo sincero apreço que lhe manifes-

tava o illustrado cirurgião Dr. Theodoro Langgaard, fino apreciador da boa musica, estimulado pelas manifestações do talento de Sá Noronha, notavel rabequista portuguez, de Gustavo Wam-Marek, pianista e violinista emerito, de H. L. Lévy, clarinetista amator de fina tempera, e protegido ainda pelo elogio sincero e entusiasta do Conselheiro Abilio José Barbosa de Oliveira, illustre magistrado, que adorava o talento de Carlos Gomes, o joven artista, que então contava de 19 a 20 annos de idade, e já era clarinetista eximio, resolveu um bello dia abandonar a casa paterna, o esplendido céu e todos os encantos da sua querida Campinas, e voar sosinho em busca do seu ideal : — a gloria !

Montou em magro burrico, e lá veio, escoteiro, por aquellas invias estradas, que o conduziram até S. Paulo.

Alli encontrou outro meio, mais deservolvido, mas animador.

Escreveu o *hymno academico* (lettra do Dr. Bittencourt Sampaio) e varias outras composições que ainda hoje perduram, como estimadas reliquias, na memoria da tradicional Paulicéa.

Veio depois para esta capital.

Conseguiu matricular-se no *Conservatorio* de Francisco Manoel.

Escreveu desde logo varias *cantatas*, uma das quaes lhe valeu o premio *viagem á Italia*.

Antes de partir para Milão, onde em pouco tempo conquistou o diploma de *maestro*, escreveu as operas nacionaes: a *Noite do Castello* e *Joanna de Flandres* (1861 e 1863).

Em Milão, entre varias producções de folego, compoz a *Se Sa Minga*, opereta, e *Nella Luna*, revista, ambas representadas no theatro com grande applauso (1866 — 1868).

Em 1870 estreou-se triumphalmente no Theatro Scala, de Milão, com *Il Guarany*.

Era o inicio da sua gloriosa carreira. Recebeu no berço da Musica a solemne consagração do seu talento genial.

Pouco depois (1872) assignalou nôva conquista com a *Fosca*, a mais preciosa talvez e talvez a menos comprehendida de todas as suas operas.

Um anno mais tarde (1873 a 1874) colheu novos laureis com a exhibição do seu *Salvator Rosa*.

Em 1879 *Maria Tudor*. Em 1889 *Lo Schiavo*. Em 1890 *La Morena*, opera inedita. Em 1891 o *Condor*, com exito colossal na Italia, e no Rio de Janeiro (em 1892 o inspirado poema vocal e symphonico, em 4 partes, *Colombo*, que foi indignamente sacrificado pela pouco escrupulosa empresa Ducci & Ciacchi, na memoravel noite de 12 de Outubro.

Cada um desses trabalhos marca novo triumpho ao nosso glorioso compatriota, assignala notavel progresso na sua brilhantissima carreira, mas, infelizmente, symbolisa tambem mais uma copiosa fonte de lucros para o editor RICORDI (de Milão) que tem sido o vampiro explorador do sangue e do talento de Carlos Gomes.

De propriedade do *maestro* são apenas o *Condor* e o *Colombo*, cuja impressão ainda está em debito; tudo mais pertence á casa RICORDI, que se locupleta á custa do genio do artista brasileiro, enquanto este luta desesperadamente com a mingoa de recursos, até para manter-se e a dous filhos, que são, mais do que a propria Musica, a sua religião, a sua esperanza, o seu sonho, a sua gloria, a sua vida. emfim...

Pomos o ponto final nesta breve noticia biographica, lamentando que a escassez de espaço nos não permitta maior desenvolvimento.

A. C. DE MENEZES.

CHRONICA FLUMINENSE

N'uma folha que começa, e demais a mais em 1º de Janeiro, a chronica deveria ir além de uma semana; deveria evocar todos os acontecimentos do anno, bons e máos, grandes e pequenos, e fazel-os desfilar alegremente aos olhos do leitor,

Tambour, clairon, musique en tête,

como cantava a Judic.

Mas aonde me levaria essa revista? Onde acharia eu espaço para tanta coisa?...

Entretanto, ellas ahi estão, dansando no meu espirito, essas desvanecidas sombras de homens e factos que passaram em ondas estrepitosas...

Cucully, o Christo, Santa Isabel do Rio Preto, o velho Areias, o colchoeiro da rua da Assembléa, o Club Federal, Deodoro da Fonseca, o Sousa Bastos e a Pepa, o imposto do fumo, as corridas, a prisão do Sr. Sebastião Pinho, o *Tannhauser*, a questão dos nickels, Guilherme de Aguiar, Maria de Macedo,—tudo isso me passa pela memoria n'uma revoada louca, n'um turbilhão demoniaco!...

*

Não! não irei além de Dezembro, d'esse excepcionalissimo Dezembro que hontem acabou, e em que tivemos as coisas mais extraordinarias, como fossem mudrugadas de Junho e noites de Maio, o Vasques a fazer-nos chorar. a *Aida* quasi bem cantada a cinco mil réis por cabeça e o Sr. Dr. Barata Ribeiro nomeado prefeito municipal! Foi o mez das surpresas.

*

O fallecimento do Vasques, o actor mais querido das nossas platéas, o artista que, com as suas qualidades que eram muitas e os seus defeitos que não eram poucos, foi a incarnação mais topica do nosso theatro, teve na imprensa uma longa, piedosa e merecida commemoração.

O mesmo não acontecen ao pobre Visconti Coaracy, que morreu brutalmente fulminado por uma syncope cardiaca, no seu tristonho retiro de Icarahy, quando, sentado á meza de trabalho, defronte do filho—intelligente criança já agora orphan de pae e mãe—, traduzia para o Sr. B. L. Garnier ou para o Sr. Seraphim José Alves não sei se um manual de cosinha, não sei se o ultimo romance de Ohnet.

Operario honesto das lettras nacionaes, jornalista apreciado, engenhoso arranjador de dramas e comedias, Coaracy teve a sua hora de triumpho quando, de sociedade com Pereira da Silva, transportou o *Guarany* do livro para o theatro.

Entretanto, a noticia de sua morte passou quasi despercebida; nem sequer houve um jornal que lhe puzesse o nome entre duas tarjas pretas, como é costume fazer aos defuntos mais ou menos considerados. Pobre Coaracy! pertencias á legião dos que morrem antes de morrer...

*

A idéa de levantar na praça publica una estatua a João Caetano partio de Visconti Coaracy, que a

communicou publicamente ao Vasques, pedindo-lhe que a levasse a effeito. O artista immediatamente se entregou de corpo e alma a essa idéa, e conseguiu, por meio das famosas *matinéés* com tanto esforço e talento organisadas, levantar o bronze que lá está no hemicyclo da Escola de Bellas-Artes.

Quando se inaugurou o monumento, Coaracy queixou-se amargamente de não ter sido convidado para a festa... Pobre amigo! era siná sua esquecerem-se d'elle...

Possam estas linhas fazer lembrado ao menos um dia, ao menos uma hora, o pobre *Gryphus*, que ainda estou vendo, na sua vellice precoce, com aquella sympathica e veneranda figura de evangelhista, e aquella formosissima bocca, illuminada por um sorriso espirituoso e meigo.

*

Se eu entendesse de finanças como esse illustre visconde do Cruzeiro, que tambem acaba de fallecer, faria aqui diversas considerações sobre a fusão, decretada pelo Governo, dos Bancos do Brasil e da Republica.

Os accionistas do Banco do Brasil têm se feito de manto de seda, o que é extraordinario, porque não ha negar que em toda esta negociata o melhor bocado é o d'elles. Mas que querem? — a tradição fez do Banco do Brasil uma arca santa, um *noli me tangere*, e toda a gente sabe como é difficil neste paiz lutar contra as tradições.

A fusão dos dous bancos parece-se muito com certos casamentos em que a noiva traz a sua mocidade, a sua belleza e a sua riqueza, e o noivo pura e simplesmente o seu nome. O noivo neste caso é o Banco do Brasil; não lhes parece que o da Republica é para elle um magnifico partido? O velho hesita — quem sabe? — pelo receio de ser mais tarde enganado pela mulher; mas, nas condições em que elle se acha, o mais prudente é fechar os olhos, casar-se, e... o resto á sorte!

*

Confesso que não me encheu de entusiasmo a exposição preparatoria columbiana. O nosso paiz tem sido mais galhardamente representado n'outras exposições, e, para fallar verdade, não me parece que para mostrar tão pouco valha a pena ir a Chicago...

D'antes as exposições brasileiras arranjavam-se com mais facilidade e com mais brillantismo, porque havia as condecorações... Os governos tudo conseguiam com ellas. Os habitos fazem-nos muita falta. A Republica andou bem acabando com essas patacoadas, mas é inevitavel que soffra as consequências do seu acto. Lembremo-nos que foi do cofre das graças que sahiram os hospitaes da Misericordia e da Praia Vermelha, o custoso paredão da praia de Botafogo, etc. Devemos certo reconhecimento ao Habito da Rosa.

*

Para conseguir aquelle pouco, tiveram os commissarios que envidar inauditos esforços, e ninguem razoavelmente poderá negar que elles deram prova de muitoboa vontade; mas é inegavel tambem que a exposição, considerada *en bloc*, está longe de produzir o desejado effeito.

A exposição de bellas-arts, feita separadamente, na Escola, tambem é relativamente pobre. Poderiamos apresentar mais e melhor. Ha alli dous trabalhos novos que me impressionaram muito agradavelmente, — dous retratos assignados por Henrique Bernardelli e Rodolpho Amoedo. No proximo numero do *Album* me occuparei detidamente d'essa exposição, depois de outra e mais minuciosa visita.

*

Aurelio de Figueiredo expoz os seus ultimos quadros na redacção da *Cidade do Rio*. Ha alli de tudo — paizagens, marinhas, scenas de interior, retratos, etc. O Silvestre, com as suas incomparaveis bellezas, forneceu ao nosso artista algumas telas muito apreciaveis. Mas de todos os quadros o que mais me agradou — oh! simples opinião de amator — foi o que se intitula *Mandolinata*, e representa o eterno e louro modelo do Aurelio, aproveitado desde os tempos, já longinquos, da *Francesca de Rimini*, muito bem sentado n'uma cadeira antiga, muito bem vestido de sedas e veludos, dedilhando uma guitarra. Esse quadro, que está primorosamente feito, é de uma poesia simples e encantadora.

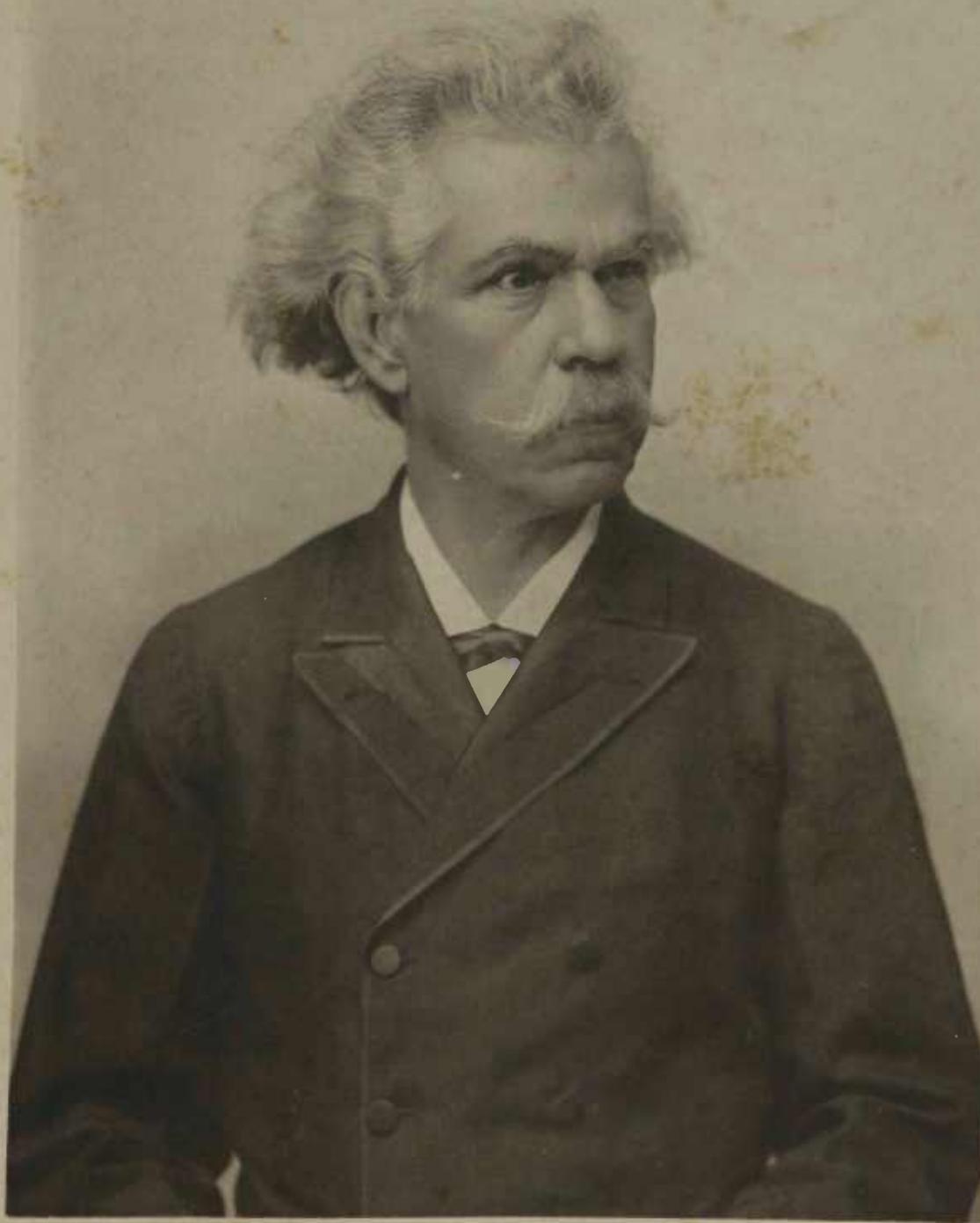
*

Eu quizera fallar das extraordinarias revelações do sr. conde Sebastião Pinho, mas ao mesmo tempo não quero entenebreecer estas columnas com tão dolorosos assumptos.

ANNO I

O. ALBUM

NUM. 1



CARLOS GOMES

Atravessámos uma época triste, muito triste, e confrange-nos a alma a comparação, a que somos naturalmente levados, do que se tem feito em França, paiz velho, a proposito do Panamá, e do que não se faz no Brasil, paiz novo, a proposito de tantos escandalos não menos graves, e mais vergonhosos.

A.

CAMPO SANTO

Os annos matam e dizimam tanto
Como as immundações e como as pestes:
A alma de cada velho é um Campo Santo,
Que a velhice cobrio de cruzes e cyprestes
Orvalhados de pranto.

Mas os sonhos não morrem como as flores,
Como os homens, os passaros e as feras...
Destruídos embora pelas dores,
Renascem para o sol de eternas primaveras
E de eternos amores.

Por isso, muita vez, na paz silente,
No somno fundō, na terrível calma
Do Campo Santo, ouve-se um grito ardente:
E' a Saudade... A Saudade! E o cemiterio da alma
Acorda de repente.

Uivam os ventos funeraes, medonhos;
Brilha o luar; as lapides se agitam...
E, sob a rama dos chorões tristonhos,
Sonhos mortos de amor animam-se e palpitam,
— Cadaveres de sonhos...

OLAVO BILAC.

O JERÓMO

Correu uma gargalhada de ponta a ponta do meio circulo, rapida, rebentando de todas as boccas, como se fosse o estopim de uma gyrandola. O Jerómo, ainda de cócaras, firmou-se n'um braço para se levantar do tombo, e, de novo, estatelou-se no chão. Nova gargalhada explodio, de subito, como o lépido levantar de azas de uma revoada de pompos... « Paga prenda! paga prenda! » gritavam. Tia Michaela, a um canto do sofá, com as duas mãos na cintura, pedia que não a fizessem rir tanto, por causa do figado. E seu Rodrigues, um caixeiro

da Côte, que andava por fóra, em cobranças, veio logo, de chapéo na mão, todo sorrisos, para receber a prenda do carreiro.

« Paga prenda! paga prenda! » O Jerómo resistia á intimação. Não pagava. Calhira ao querer ajoelhar-se muito depressa, mas não rira, nem ao menos começára as palavras do jogo: « *Meu senhor São Roque, eu aqui estou a vossos pés sem me rir sem chorar* »... Não pagava. « Paga prenda! » insistiam... E a Margaridinha, a filha de tia Michaela, de joelhos sobre uma cadeira, gritou-lhe tambem que pagasse. « Pague, seu Jeronymo... E' p'ra não parar o jogo. » O Jerómo pagou, com um botão de punho. O caixeiro da Côte voltou para o seu logar, todo sorrisos. « Minhas senhoras, vao continuar o jogo. O senhor São Roque é a Sra. D. Margaridinha. »

Fóra, o luar banhava todo o jardim plantado de esponjas, desenhando na rua a ramagem crescida da cerca de espinhos. A estrada tortuosa, toda de areia, refulgia ao clarão da lua. Longe, no silencio da noite, latiam cães... O Barradas, « amigo de seu barão », suando em bicas, viéra para o jardim e encostára-se á cancellinha da porta, a fumar. O jogo continuava lá dentro, na sala. Ouvia-se a voz do caixeiro da Côte. « Que se ha de fazer ao dono ou dona desta prenda? » E viam-se, sobre os aparadores, dous grandes lampiões de kerozene trazidos pelo Barradas, da casa de seu barão, para aquella festa de annos da tia Michaela.

O Jerómo era carreiro lá do alto, da fazenda do Dr. Chico Penna. Mais p'ra baixo ficavam as terras de seu barão—barão de Santa Maria. Ahi é que o Barradas punha e dispunha, como dono da casa, comendo á farta, bebendo ainda melhor. Portuguez esperto, muito insinuante, começára auxiliando o administrador da fazenda. Um dia, o administrador vio-se, de subito, posto no meio da rua. O barão, colerico, cheio de raiva, não lhe consentio que se justificasse. O homem não fizera nada. O Barradas foi nomeado para o seu logar.

« Bom administrador tenho eu! » costumava dizer o barão. Carreiro é que não tinha, tão bom como o Jerómo. Certa vez, o Jerómo ia a entrar em casa, empurrava já a porteira, quando retinio este grito. « Eh, lá, ó Jerónymo! » Era, o Barradas. O outro não o ouviu. O portuguez chicoteou mais a besta em que vinha, enterrou-lhe bem as esporas... Depois, repetio o chamado: « Eh, lá, ó Jerónymo! » O Jerómo demorou-se a esperal-o, com a mão ainda sobre a porteira. E ao brusco choque das esporas, a besta trotou mais depressa, até junto da cancella. Ficou ahi, sem parar, ao mesmo tempo avançando e recuando, a apertar as pernas do Barradas de encontro ás duas ripas pregadas em cruz.

« Manhosa como ella só! » achou, sorrindo, o Jerómo. O Barradas apeou-se, tirou as rédeas de sobre o pescoço do animal, passou-lh'as da cabeça para fóra, por cima das orelhas, e foi prer-

del-as adiante, a uma das pontas da cerca. Demorou-se ainda um bocado, a enrolar um cigarro. Por fim, abordou a questão. O barão mandava perguntar ao Jirónimo se não queria ir trabalhar lá para a fazenda. O Jerónimo estava que não cabia em si da surpresa.

O Barradas contava com isso. « Ah! estava admirado, não era? Tinha de que. Era uma fortuna que lhe cahia do céu. » E gábava a fazenda. Que bonita que estava agora! Passava-se muito bem de barriga. Aquillo é que era viver a gente uma vida regalada. Comia-se quatro vezes ao dia. E depois, se o Jirónimo quizesse, dobrava-se-lhe o ordenado, ajuntava-se-lhe uma gratificaçõesinha para os cigarros, e até o Sr. barão inda lhe havia de dar a sua farpellasinha nova. O Jerónimo reflectia, via-se que estava a hesitar. Mas, de repente, fez que não com a cabeça. Decididamente não aceitava. Era tolo, regeitar assim uma fortuna que lhe cahia do céu. Mas que lhe havia de fazer? Tinha amizade á casa, criára-se com os meninos...

O Barradas voltou para a fazenda, a apertar cada vez mais o passo da besta, para repetir ao Sr. barão o que lhe dissera o bigorrilha do Jirónimo. E logo ao chegar, em meio do almoço, tendo muito cuidado em que não esfriasse o bife do Sr. barão, a mandar pelos criados que fechassem bem as janellas da varanda para que o Sr. barão não se fosse constipar, o Barradas contou-lhe o que ouvira do carreiro. « E' uma criança! » deixou escapar o barão. E o Barradas logo, com toda a sua verbiagem de portuguez, muito esperto: « E' um estúpido, é o que é... Vossa Excellencia não n'ó conhece E' um estúpido e um bigorrilha... Um bigorrilha é que elle é, saiba-o Vossa Excellencia!... »

*

Esmorecia a luz. Manchas de fumaça iam subindo aos poucos, pelo interior dos globos, nos dous grandes lampiões de kerozene. Tia Michaela queixava-se do fígado, fizera-lhe mal o jantar. O Barradas voltava nesse momento para á sala, mãos nos bolsos, fumando. Vinha de fóra, janellas a dentro, cortante e crispido, o aspero frio da madrugada. Nuvens roseas appareciam pelo céu. « Bom dia, siá dona! » gritavam da estrada para a Margaridinha que se fóra debruçar á janella. O caixeiro da Côte ainda quiz ver se reanimava a festa « Minhas senhoras, meus senhores! vamos agora jogar o *Coche da familia*. Eu sou o cocheiro. D. Margaridinha é quem mais brilha, é a lanterna. O Sr. Barradas é o chicote... » Voltava-se todo sorrisos, para cada um. Mas a Margaridinha achou que já era tarde. « Qual, seu Rodrigues! Já é dia... Mamãe está com somno. » Clareava mais. « Agora é cada um p'ra sua casa! » interrompeu asperamente o Barradas.

Despediram-se, trocando abraços, apertando-se muito sacudidamente as mãos. Tia Michaela distribuia beijos, a torto e a direito, fazendo convites.

« Não se esqueçam, heim? Agora é pelo Natal! ».. O Jerónimo chegou, a correr, do jardim. Occultou umas flores no casaco. Depois, estendeu a mão á Margaridinha, olhando-a bem em face. — « Não me esqueça! » disse. A moça apertou-lhe os dedos, quasi a esmagal-os... E ficou em silencio. Tinha os olhos cheios d'agua. — « Venha amanhã! » segredou a muito custo. O Jerónimo fez que sim, com a cabeça. E sahio. Mas da rua, voltou ainda, como se lhe faltasse alguma coisa. Parou indeciso. — « Até amanhã, tia Michaela! » fez, depois. Apertou outra vez a mão da Margaridinha. Custava-lhe deixal-a assim. Desejaria ficar para sempre, alli, ao seu lado, ouvindo aquella doce musica da sua voz...

Partio, afinal. Levava um grande vacuo no peito. Os olhos humedeciam-se lhe, tinha uma enorme vontade de chorar... Passaros cantavam. Do matto em roda subia um embalsamado, um fresco cheiro de hervas. Gottas de orvalho cahiam dos espinheiros, e, pela relva adiante, borboletas iam e vinham, doidas, agitando azas tremulas, amarellas por sobre as flores amarellas.

Entrou em casa. Atirou-se á cama, para ver se esquecia aquella idéa da Margaridinha. Talvez dormisse... Não dormio. Aquillo era como se lhe houvessem arrancado do peito, na festa, alguma coisa que lhe fazia muita falta. Voltava-se para a parede, fechava os olhos, apertava-os bem, para não ver coisa nenhuma, e de subito, lá se lhe deparava outra vez a sala do jogo de prendas. Era ainda o caixeiro da Côte quem as ia a pouco e pouco recolhendo no chapéo; o jogo é que já não era o mesmo. Não era o Senhor São Roque, era uma coisa parecida. E o Jerónimo via-se de joelhos aos pés da Margaridinha — « Minha santa Margaridinha, eu aqui estou a vossos pés, sem me rir, sem chorar, sem me rir... Eu aqui estou a vossos pés... »

*

O Jerónimo voltou no dia seguinte á casa da tia Michaela. Voltou depois ainda, e no terceiro dia, e mais tarde. A Margaridinha vinha buscal-o á cancella, toda de branco. E subiam, mãos dadas, almas felizes, acompanhados desde a porta pelo vigilante, doce, bondosissimo olhar da velha.

Mas, n'um dia, tia Michaela veio, ella propria, recebel-o á entrada. O Jerónimo parou, surpresa, indagando com os olhos: E tia Michaela explicou o que havia. — « O Leopoldo... Conhecia? Aquelle, magrinho, que estivera lá no dia dos seus annos... Ah! não conhecia? Pois coitado! fóra-se... Bexigas... » Bexigas! — « E' verdade; bexigas! Era o sexto caso n'uma semana. » O Jerónimo estremeceu de terror; dominou-se, porém, — « Mas afinal, e a Margaridinha? » Tia Michaela tranquilisou-o. — « Estava no sitio do Leopoldo. Fóra pela manhã, para ajudar a gente da casa. Era preciso haver lá quem tivesse um bocado de sangue frio. Os outros, coitados! tinham perdido a cabeça. » O Jerónimo despedio-se, voltaria depois. — « Sabbado, ella já ha de estar ahi. Tenha paciencia! » Teria pacien-

cia. E foi embora. Luzes brilhavam longe. Anoi-tecia. O Jerónimo levava como um presentimento no coração.

Não voltou mais. A Margaridinha chegou logo na sexta-feira, á tardinha. Esperou-o até alta noite Nada. Esperou-o no sabbado, dia inteiro, noite inteira. Nada. Apenas, n'aquella noite lugubre, tia Michaela veio da rua a chorar. Talvez chegasse no domingo. Esperou-o. Rompeu o sol, veio a tarde, frígida tarde de inverno. E nada. A Margaridinha esperava á porta, apoiada á cancella.

Nuvens pardacentas foram se amontoando pelo céo. Peneirava um chuvisco. E nisto, do alto, dentre barrancos, aos solavancos pelo tortuoso caminho—violentamente puxada por duas bestas e forcejando por ganhar a estrada, branca de areia—surdio uma antiga, uma arruinada caleça, já sem toldo. De um a outro lado, sobre os assentos, estremecia, oscilava um caixão. Oleados resguardavam-n'o do tempo. E logo atraz, vinham, a galope, dous cavalheiros.

O céo fez-se mais negro. Chovia agora. A Margaridinha sentio que alguma coisa se lhe enroscava no coração. Era como se uma cobra má o houvesse agarrado de subito.

Estalava o chicote no ar. O carro galgou a estrada, de um pulo. As rodas elhiavam na areia, rapidas, ao rapido trote das bestas. Homens descobriam-se ao vel-o. E tia Michaela, que vinha a entrar da rua, ajoelhou-se religiosamente.

—« Coitado do Jerónimo ! » disseram, na casa visinha. A Margaridinha apoiou-se mais á cancella.—« Ah ! meu Deus ! » soluçou, dolorosa, angustiadamente. Só. Faltava-lhe o chão. A' garganta subiam-lhe num bolo, toda aquella magoa, toda aquella agonia, toda aquella inenarravel dor. O carro passou. Do caixão mal fechado, evolava-se, ficava um máo cheiro espalhado no ar.—« Siá dona, reze por elle ! » gritaram. Chovia mais forte. Lagrimas rebentavam em fio, das arvores sobre a areia. A Margaridinha ficou, apoiada á cancella, com um nervoso rictos ao canto dos labios, sem se rir, sem chorar, sem chorar, sem se rir...

PEDRO RABELLO.

THEATROS

A maior novidade dos nossos theatros, e a mais litteraria, é o *Defunto*, delicado *lever-de-rideau* escripto em bonitos versos por Filinto de Almeida, e representado com muita aceitação, no Recreio Dramatico, pelos artistas Ferreira e Apollonia.

Trata-se dos escrupulos de uma viuva, que não quer novos amores, com receio de offender a memoria do seu defunto. O motivo não é novo, e já foi magistralmente desenvolvido em tres magnificos actos pelos mestres Mailhac e Halévy quando escre-

veram *La veuve*; mas Filinto de Almeida, que tem qualidades de homem de theatro (para empregar aqui uma expressão sarceyana), apresentou coisa sua.

Fazemos votos para que o inspirado poeta da *Lyrica*, aproveitando as boas disposições de Dias Braga, que é, inquestionavelmente, um empresario de intenções artisticas, nos brinde com algum trabalho de mais folego.

Dizem-nos que o *Defunto* já é obra velha, e que o autor está hoje deputado e eidadão conspicio em S. Paulo... Ora queira Deus que a politica o não afaste das bellas-lettras!

*

No mesmo theatro representou-se o drama *Cavalleria rusticana*, traduzido pelo dito deputado e poeta. O trabalho de Verga pouco interessa á nossa platéa, primeiramente por ser uma pintura de costumes sicilianos com os quaes nada temos que ver, e depois porque a musica de Mascagni está tão associada ao argumento da peça, que este sem ella se torna incolor e anodino.

Entretanto, ha alli muita paixão, d'essa paixão do ciúme, que acomette a humanidade inteira, tanto na Sicilia como no Japão ou no Rio de Janeiro, e não precisa de musica para sobresaltar as almas sensiveis.

Os artistas tiraram muito proveito dos seus papéis, mas é de justiça collocar no primeiro plano Apollonia, que foi uma admiravel Santuzza.

*

Parece que o Sant'Anna deitou, emfim, a mão a um *successo*. Já não era sem tempo.

Das peças representadas durante a ultima estação theatral de Pariz foi sem duvida o vaudeville *Les 28 jours de Clairette*, de H. Raymond e A. Mars, musica de V. Roger, a que mais aceitação alcançou. A empreza do theatro das Folies-Dramatiques acaba de festejar a duo-centesima representação, e a peça tem probabilidade de conservar-se em scena ainda por muito tempo.

Teve rasão o publico pariziense pelo que vimos ante-hontem no *Rapaz de saias*, titulo que deu Moreira Sampaio ao vaudeville traduzido por elle com a grande habilidade que tem revelado nesse genero de litteratura. A peça nada perdeu com a transplantação de um para outro idioma.

Encontram-se no *Rapaz de saias* todos os elementos explicativos do triumpho pariziense, triumpho que naturalmente vae renovar-se no Rio de Janeiro.

Situações do todo novas e de um comico irresistivel, ditos de espirito, malicia a rodo, musica bonita, leve e facil, genuinamente franceza, d'aquellas que agradam á primeira audição e que o publico assobia quando sae do theatro, taes são as qualidades que abundam no *Rapaz de saias*.

Não daremos o entrecho da peça; tão complicado é elle e tão cheio de qui-pro-quos, que com certeza

seriamos incompletos. São quatro actos de situações emaranhadas. Trata-se de uma mulher que recebeu de um tio, mestre de armas, uma educação muito masculina, e se disfarça em soldado, tomando o logar de um honesto pasteleiro, e faz serviço de tarimba, e bate-se, e pinta o diabo, tudo isso por causa do marido, o advogado Vivarel, que se esqueceu, ao dar-lhe a mão de esposo, de liquidar o passivo da sua existencia de celibatario.

O desempenho que os artistas do Sant'Anna dão á peça é o melhor que actualmente se podia obter n'esta capital. Blanche Grau, Pepita Anglada (uma estreiante muito geitosa), Mattos, Colás, Rangel Junior, Teixeira, etc., deram todos muito boa conta do recado.

A encenação é esmerada, e foi feita á vista dos *croquis* e figurinos que a empresa recebeu de Pariz. A instrumentação é a do proprio Roger, autor da partitura.

Tão cedo o *Rapaz de saias* não deixará a rua do Espirito-Santo, vão ver.

*

Nos outros theatros nada de novo. No Polytheama têm sido cantadas muitas operas de Verdi mais barato que n'outra qualquer parte. No Lucinda o *Burro do Sr. alcaide* e *Tim tim por tim tim*, no Apolló o *Barbeirinho de Sevilha*, no Variedades o *Frei Satanaz*, e no Recreio o eterno e afortunado *Conde de Monte-Christo*. Entretanto, o Lucinda ensaia uma opera-comica portugueza, a *Moura de Silves*, o Variedades uma magica, o *Diabo coxo*, e o Apolló um drama sacro, o *Filho do Averno*, cujo protogonista é São Guilherme, duque de Aquitania.

X. Y. Z.

SPORT

O *sport* moderno não constitue os bellos torneios de cavallaria da idade média, em que se operavam assombros de agilidade por um olhar, por um sorriso da dama dos pensamentos.

Esse tempo passou. O fleumatico inglez, frio e taciturno como a sua velha Albion, transformou os torneios equestres, cujas descripções nos arrebatam e enlevam, pela corrida lisa, ou, quando muito, pelo *steeple-chase* cujo merito consiste em vencer obstaculos adrede preparados para esse fim.

E foi este o *sport* que transportamos para o Brasil. Já não ha cavalleiro que se apresente na arena encorajado por um sorriso, que morra afagado por malicioso botão de rosa, predestinado para premio da victoria.

Esse tempo passou.

O joven X percorre á tardinha o aristocratico bair. o de Botafogo cavalgando soberbo alazão, mas

é a vaidade ostentando animal de subido valor, que se deixa levar com a mansidão de cordeiro.

O taful não conhece as regras de equitação: não é um *calção* correcto, não podéra cavalgar fogoso e ardido corssel, não podéra, em honra de sua dama, conquistar a victoria na arena de um hippodromo!

As lutas hippicas foram entregues a mãos mercenarias, e no Brasil a individuos pela mor parte sem criterio e dignidade, e dahi o rebaixamento do nivel moral da instituição.

A propria direcção dos hippodromos, confiada a cavalleiros, aliás muito distinctos e illustrados, soffre pelo facto de desconhecerem regras comensinhas de hippologia, e ainda porque criminosa bondade tem tolerado a pratica de irregularidades que attingem a proporção do crime.

Os codigos, calcados sobre os europeus, contêm medidas cohibitivas, comminam penas para todos os delictos, mas as regras escriptas não têm igual applicação entre as diversas directorias, e até, custa dizel-o, no seio da mesma directoria soffrem applicação diversa, conforme a sympathia que merece o delinquente.

Não obstante tantas e tão graves irrégularidades, o *sport* é a flor da moda do *high life* fluminense. Não se póde pertencer a esse mundo elegante que constitue o *high life* sem frequentar o *sport*, sem ir aos domingos dar tregos ao *spleen* semanal, no unico ponto de reunião do Rio de Janeiro.

O *Album*, que aspira a ventura de ser acariciado no *boudoir* da gentil *sport-woman*, e que pretende logar de honra no gabinete de litterato e do poeta, não poderia dispensar uma secção sportiva.

Tel-a-ha.

Não descaremos a imiscuir-nos nas intrigas de ensilhamento; analysaremos sem paixão as corridas, apontaremos as irrégularidades commettidas, indicaremos reformas tendentes a engrandecer e moralisar o *turf* nacional.

*

Na ultima corrida realisada no Derby Club...

O passado está passado. Corramos sobre elle o véo do esquecimento.

O *Album* visa o futuro, e se as sociedades sportivas tornarem real essa solidariedade porque tantas e tão amiudadas vezes fazem votos, o *sport* brasileiro póde entrar em nova phase e cobrir-se das glórias que lhe almejamos.

Está feita a apresentação de

BELZEBUT.

No proximo numero do *Album* encetaremos a publicação do romance *Amor de primavera e amor de outomno*, original de ALFREDO BASTOS.